

Musicoterapia: um instrumento do cuidado de enfermagem?

Gunnar Glauco De Cunto Taets¹

Lia Rejane Mendes Barcellos²

Resumo

Esse estudo tem por objetivo fazer um diagnóstico do estado da arte da utilização da “musicoterapia” por profissionais da enfermagem, destacando-se uma discussão sobre a forma de como a música é utilizada na prática de cuidar e sobre a nomenclatura utilizada. Cada um dos autores se responsabilizou por fazer uma revisão sistemática de uma série de artigos de “musicoterapia” e enfermagem. A primeira série é composta por artigos publicados no Banco de Dados de Enfermagem (BDENF) da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), e a segunda, por outro conjunto de textos também de “musicoterapia” e enfermagem, disponíveis em outros bancos de dados de periódicos nacionais. Todos foram analisados segundo uma abordagem qualitativa, à luz do referencial metodológico da Análise de Conteúdo. Os resultados encontrados referem-se à utilização da música pela Enfermagem em diversas áreas do cuidado: no processo de cuidar de clientes com Síndrome Neurológica decorrentes da AIDS, no cuidado de mulheres com fibromialgia, no processo de humanização em CTI, no auxílio ao tratamento da dor crônica e como facilitadora da comunicação/relação entre enfermeiro-cliente. Constata-se que apesar dos avanços da musicoterapia, os estudos analisados demonstram que raramente se faz a diferença existente entre a utilização da música e da musicoterapia em áreas da medicina. Ainda se verifica que a musicoterapia necessita ter maior divulgação e que esta deve ser de forma mais consistente, apontando as suas ações terapêuticas e a cientificidade de seus métodos através de dados com maior consistência.

Palavras-chave: Música, Musicoterapia, Enfermagem, Cuidado de Enfermagem.

Abstract

This study aims to diagnose the state of the art of using music therapy for nursing professionals, featuring a discussion on how music is used in practice to care for and about the nomenclature used. Each author was responsible for collecting data and doing a systematic review of one series of studies of music therapy and nursing. The first consists of articles published in the database of Nursing (BDENF) of the Virtual Health Library (VHL), and the second, by another set of articles of "music therapy and nursing," available at various Internet sites. All were analyzed using a qualitative approach in light of the methodological framework of Content Analysis. The results refer to the use of music by nursing in several areas of care: the process of caring for clients with Neurological Syndrome resulting from AIDS, the care of women with fibromyalgia, the humanization process in the ICU, to aid in the treatment of chronic pain and as a facilitator of communication / relationship between nurse-client relationships. It appears that despite advances in music therapy, the studies reviewed show that rarely one makes the difference between the use of music and music therapy in areas of medicine. It appears that music therapy needs to have more widespread and that it should be more consistent, pointing to its therapeutic actions and scientific character of their methods by enhancing data consistency.

Keywords: Music, Music Therapy, Nursing, Nursing Care.

¹ Mestre em Enfermagem pela UNIRIO. Aluno do curso de Pós-Graduação em Musicoterapia do Conservatório Brasileiro de Música – Centro Universitário (CBM). Especialista em Estomaterapia pela UERJ. MBA em Pedagogia e Psicopedagogia Empresarial pela ESAB. Enfermeiro Plantonista da Unidade Cardio-Intensiva do Hospital Barra D’or (Rio de Janeiro). Email: oenfermeiro2007@hotmail.com

² Doutora em Música pela UNIRIO. Mestre em Musicologia (CBM). Bacharel em Piano. Bacharel em Musicoterapia (CBM). Professora Titular dos cursos de Graduação e Pós-Graduação em Musicoterapia do (CBM). Coordenadora do Curso de Pós-Graduação em Musicoterapia (CBM). *Voices* - Editora da América do Sul. Musicoterapeuta clínica atuando na área de Doenças Renais Crônicas. Email: liarejane@gmail.com

Introdução

Esse trabalho surgiu com o intuito de se fazer uma investigação sobre de que forma os Enfermeiros estão utilizando a música como recurso, no cotidiano de cuidar. Nós, Enfermeiro e aluno da Pós-Graduação Lato Sensu em Musicoterapia do Conservatório Brasileiro de Música (CBM), e Musicoterapeuta e Professora do curso supracitado, temos observado o crescente interesse da Enfermagem pelo uso da música, dentre outras possibilidades, para a melhora do estado geral do paciente, para diminuição da dor, diminuição do stress e como elemento facilitador da relação entre Enfermeiro-cliente visando a humanização do cuidado.

A musicoterapia é uma atividade aplicada por um profissional qualificado: o musicoterapeuta. Assim, práticas que utilizam a música, realizadas por profissionais da área da saúde não musicoterapeutas, não deveriam ser denominadas musicoterapia.

Segundo Zarate & Diaz (2001), os profissionais musicoterapeutas recebem uma formação diferenciada, tendo conhecimentos não somente relacionados à teoria e à performance musical, mas, também, à psicologia, anatomia e técnicas de pesquisa. Seria importante acrescentar, aqui, disciplinas como neurologia, psiquiatria e, principalmente, as que preparam os alunos para a utilização das técnicas e métodos específicos da musicoterapia.

A definição de musicoterapia que nós adotamos para este estudo é a da Federação Mundial de Musicoterapia (Revista Brasileira de Musicoterapia, 1996):

Musicoterapia é a utilização da música e/ou seus elementos musicais (som, ritmo, melodia e harmonia) *por um musicoterapeuta qualificado*³, com um cliente ou grupo, num processo para facilitar e promover a comunicação, relação, aprendizagem, mobilização, expressão, organização e outros objetivos terapêuticos relevantes no sentido de alcançar necessidades físicas, emocionais, mentais, sociais e cognitivas. A musicoterapia objetiva desenvolver potenciais e/ou restabelecer funções do indivíduo para que ele possa alcançar melhor integração intra e/ou interpessoal e, conseqüentemente, uma melhor qualidade de vida pela prevenção, reabilitação ou tratamento.

Na enfermagem, a utilização da música com finalidade terapêutica se iniciou com Florence Nightingale, seguida anos mais tarde por Isa Maud Ilse e Harryet Seymor, no cuidado aos feridos das I e II Guerras Mundiais.

³ Grifo nosso.

Mais recentemente, a “musicoterapia” passou a constar da Classificação das Intervenções de Enfermagem – Nursing Intervention Classification (NIC)⁴ – sendo aí assim definida: “uso da música para ajudar a alcançar uma mudança específica de comportamento, sentimento ou fisiologia” (McCloskey e Bulechek, 2004, p. 585)⁵.

Nesta Classificação, além da definição, são apresentadas as atividades que os profissionais de enfermagem podem realizar (McCloskey, J.C.; Bulechek, G.M. 2004, p. 585):

- Definir a mudança específica no comportamento e/ou fisiologia desejada (p. ex., relaxamento, estimulação, concentração, redução da dor).
- Determinar o interesse do paciente pela música.
- Identificar as preferências musicais do paciente.
- Escolher determinadas seleções musicais representativas das preferências do paciente, tendo em mente a mudança desejada.
- Preparar fitas gravadas/CDs e equipamento disponíveis para o paciente.
- Assegurar que as fitas/CDs e equipamento estejam funcionando bem.
- Oferecer fones de ouvido, quando indicado.
- Assegurar que o volume esteja adequado.
- Evitar ligar a música e deixá-la tocando por longos períodos.
- Facilitar a participação ativa do paciente (p. ex., tocando um instrumento ou cantando), considerando o desejo do mesmo e a possibilidade de executá-lo no recinto.
- Evitar música estimulante após lesões ou danos à cabeça.

Ainda se encontra “Musicoterapia”, na Parte 2 da referida obra, que se refere à Taxonomia das Intervenções de Enfermagem, com o código 4400 e seguida da letra Q – *melhora da comunicação*: “intervenções para facilitar o envio e o recebimento de mensagens verbais e não-verbais”, inserida no *Domínio 3: Comportamental*: “Cuidados que dão suporte ao funcionamento psicossocial e facilitam mudanças no estilo de vida” (2004, p. 148 e 156).

Desnecessário se torna comentar as atividades aqui listadas. Está evidente que não se trata de musicoterapia, mas, sim, da utilização da música.

⁴ Obra publicada originalmente pela Mosby, Inc., em 2000.

⁵ Music Therapy - Using music to help achieve a specific change in behavior, feeling, or physiology.

A Enfermagem e a Musicoterapia possuem interfaces que se relacionam com a visão integral do cliente e a busca por promover uma assistência holística que atenda aos aspectos físicos, emocionais e sociais deste, estimulando para que expresse seus desejos e subjetividades e que exerça seu direito de escolha. Mas, apesar destas interfaces, cabe apresentar, aqui, a diferença entre *música em medicina* e *musicoterapia em medicina*, apontada claramente pela musicoterapeuta norte-americana, Dra. Cheryl Dileo⁶.

Segundo a autora, a *música em medicina* é tipicamente usada por profissionais da área médica (não-musicoterapeutas, tais como médicos, enfermeiros, dentistas, e profissionais relacionados à área de saúde) como terapia complementar a várias situações ou tratamentos médicos. Frequentemente isto representa uma tentativa de intervenção no stress, ansiedade, e/ou dor do paciente da área médica. Exemplos de intervenções em música em medicina incluem *Música de fundo* em diversos ambientes de clínicas ou hospitais e *programas musicais* disponíveis ao paciente antes de diferentes procedimentos.

A *música em medicina* utiliza principalmente as experiências receptivas (audição musical) envolvendo música pré-gravada (não selecionada) e/ou pré-selecionada pela equipe médica ou pelo paciente, em material musical disponível. Estas músicas podem incluir uma variedade de gêneros e estilos, sons de baixa frequência, música especialmente composta para determinada situação (por exemplo, sons uterinos) ou combinações destes aspectos. As aplicações da *música em medicina* são realmente amplas, e a pesquisa tem ratificado a sua eficácia.

A *musicoterapia em medicina*, por outro lado, na sua abordagem com pacientes da área médica, sempre envolve um processo terapêutico, um musicoterapeuta, e uma relação que se desenvolve através da música e do processo (Dileo, 1999, pp. 4 e 5). Nesta, uma ampla gama de experiências e de técnicas que envolvem a audição, a improvisação, a recriação e a composição musicais são utilizadas, bem como são

⁶ A Dra. Cheryl Dileo é professora dos Cursos de Mestrado e PhD em Musicoterapia, Coordenadora do Mestrado e Diretora do Centro de Arts and Quality of Life Research Center da Temple University, na Filadélfia (USA). Foi Presidente da World Federation of Music Therapy e da National Association for Music Therapy e ocupou cargos em organizações de musicoterapia. Atualmente é a Business Manager da World Federation of Music Therapy e do Comitê de Ética da American Music Therapy Association (USA). cursou o Bacharelado e o Mestrado em Musicoterapia na Loyola University of the South, e o PhD, também em musicoterapia, na Louisiana State University. Tem apoio financeiro do National Institute of Health, National Center for Complementary and Alternative Medicine e do National Cancer Institute. É, ainda, a principal pesquisadora do Estado da Pensilvânia realizando pesquisa sobre Os Efeitos da Musicoterapia em Pacientes Multiculturais Internados com Câncer ou Doenças Cardíacas, e também tem o apoio da Johnson and Johnson para pesquisa sobre Musicoterapia e HIV. Trata-se de uma das maiores autoridades mundiais em Musicoterapia e Medicina.

empregadas diferentes atividades. Aqui, a música e a relação terapêutica servem como componentes curativos, mesmo que se possa ter ênfase em um deles, ou em ambos, durante o tratamento.

Na *música em medicina*, certamente também pode haver uma relação terapêutica entre o paciente e o(s) membro(s) da equipe médica envolvidos; no entanto, esta relação não se desenvolve através da música, nem existe aí um processo definido que ocorre através da música.

Cabe ainda ressaltar que Dileo considera que tanto a *música em medicina* como a *musicoterapia em medicina* são absolutamente importantes e necessárias para o paciente da área médica, e abordagens colaborativas entre o pessoal da área médica e os musicoterapeutas frequentemente possibilitam oportunidades válidas e ricas para a pesquisa e a prática clínica (Dileo, 1999).

Objetivo

Fazer um diagnóstico do estado da arte da “musicoterapia” nos estudos de enfermagem, destacando-se de que forma a música é utilizada pela enfermagem na prática de cuidar.

Metodologia

Trata-se de uma revisão sistemática de duas séries de artigos de “musicoterapia” e enfermagem. A primeira série foi composta por textos publicados no Banco de Dados de Enfermagem (BDENF) da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e, a segunda, formada por artigos disponíveis em outros bancos de dados de periódicos nacionais. Segundo uma abordagem qualitativa, os dados coletados foram analisados à luz do referencial metodológico da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2009) seguindo as três fases sugeridas pela autora:

1. a pré-análise;
2. a exploração do material;
3. o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

A pré-análise foi a fase de organização propriamente dita onde realizamos uma busca com o descritor “musicoterapia” e encontramos vinte estudos no BDENF e mais seis artigos em outros bancos de dados de periódicos nacionais.

Nesta etapa realizamos uma leitura “flutuante” que consistiu em estabelecer contato com os documentos e em conhecer o texto deixando-se invadir por impressões e orientações.

A segunda fase, da análise propriamente dita, consistiu na aplicação sistemática das decisões tomadas. E na terceira fase, os resultados foram tratados de maneira a serem significativos e válidos.

Resultados

Apresentamos, a seguir, de que forma os enfermeiros vêm utilizando a música como instrumento do cuidado de enfermagem, a partir do estudo das duas séries de artigos.

1. A música no processo de cuidar de clientes com Síndrome Neurológica decorrentes da AIDS.

O objetivo da utilização da música como intervenção terapêutica, segundo Silva (1993), é auxiliar na canalização interna de suas energias, despertando a consciência para a redescoberta do eu superior, auxiliando no autoconhecimento e na autotransformação. Segundo a autora, a música constitui um importante recurso para a repadronização dos ritmos dos campos do cliente-ambiente que se encontram alterados pela doença.

2. A música como facilitadora na relação Enfermeiro-cliente em sofrimento psíquico.

São Mateus (1998) utiliza a música como um recurso terapêutico na enfermagem, sugerindo sua aplicação nos cursos de formação profissional, buscando assim melhoras na assistência ao cliente, funcionário, discente, seguindo uma tendência evolutiva da utilização da música no relacionamento terapêutico.

3. A música como terapia complementar na dor.

Com o objetivo de pesquisar a música como terapia complementar no cuidado de mulheres com fibromialgia, Dobbro (1999) submetia suas pacientes à audição de músicas clássicas pré-selecionadas. Já Giannotti e Pizzoli (2004) relatam o uso da música no auxílio ao tratamento da dor crônica.

A audição musical com objetivo terapêutico, conforme observada por Leão e Silva (2004), pode levar à redução significativa da dor. Os mecanismos relacionados ao alívio da

dor descritos pelas autoras foram: distração, alteração do foco perceptual, liberação de endorfinas e relaxamento.

Ribeiro et al. (2005), também relatam o emprego da “terapêutica da musicoterapia” em pacientes com dor oncológica com o objetivo de possibilitar o estudo dos princípios básicos que orientam a prática da música na enfermagem em oncologia, avaliar os avanços e progressos da “musicoterapia” oncológica, informar aos profissionais da área de saúde, principalmente a enfermagem, sobre a importância da “musicoterapia” como prática de tratamento humanizado e possibilitar ao cliente oncológico uma maior qualidade de vida, durante tratamento paliativo.

4. A música como prática alternativa para relacionamento/comunicação no ambiente de trabalho dos Enfermeiros.

Alves (2001) realizou um trabalho em grupo em que a música era utilizada como prática alternativa de efetivar a integração da equipe de enfermagem através da abertura de um canal de comunicação que tornasse possível ao grupo melhorar o desempenho do trabalho em equipe. Para a autora, a música comprovou ser um elemento importante para a integração não só da equipe de enfermagem, mas, também multiprofissional. Em seu estudo, percebeu melhoria significativa no relacionamento e comunicação no ambiente de trabalho.

5. A música como elemento facilitador na comunicação Enfermeiro-cliente.

O estudo de Weber et al (2003) foi realizado com o objetivo de investigar se a música poderia ser utilizada como forma de recreação para amenizar o sofrimento das crianças internadas em uma unidade pediátrica. As autoras pensaram no recurso musical para facilitar e promover a comunicação.

6. A música no processo de humanização em CTI.

Backes et al (2003) tiveram como objetivo investigar os efeitos da música no processo de humanização em CTI, tanto para humanização dos pacientes internados como para influenciar as relações de trabalho entre a equipe multidisciplinar. Constataram que a música pode trazer relaxamento e conforto espiritual, sendo um importante subsídio na busca de alternativas que contemplam a pessoa na sua integridade. O estudo considerou que a música é um valioso instrumento não somente no processo de humanização, mas, também, como uma alternativa criativa e eficaz no alívio da dor.

7. A música como elemento facilitador do processo ensino-aprendizagem.

Para Ravelli (2004), a música pode ser usada como recurso facilitador do processo de ensino aprendizagem no período gestacional.

8. A música na saúde mental.

Campos e Kantorskil (2008) utilizaram a música nas Oficinas Terapêuticas de Cuidado com o Corpo com pacientes psiquiátricos num Centro de Atenção Psicossocial (CAPS). As autoras observaram que o emprego da música como instrumento do cuidado no resgate de corpos outrora estigmatizados e excluídos em manicômios, permite construir possibilidades de reabilitação.

A utilização da música como complementação à assistência de enfermagem em saúde mental é relatada no estudo de Oliveira (2009), com o objetivo de facilitar a relação com o cliente para proporcionar interação com o mesmo e como instrumento promotor de mudanças positivas físicas, mentais, sociais e cognitivas para um grupo de pacientes atendido numa unidade de um CAPS⁷.

9. A música com pacientes portadores de insuficiência renal crônica durante a hemodiálise.

Silva et al. (2008), referem-se a uma pesquisa qualitativa que teve por objetivo avaliar a influência da exposição musical em portadores de insuficiência renal crônica, durante as sessões hemodialíticas. Trata-se da utilização de música viva⁸ em apresentações de 60 minutos, divididas em quatro momentos de 15 minutos, feitas por três acadêmicos de enfermagem, também músicos, que utilizaram instrumentos musicais (violão, flauta doce, maraca) e voz, e um repertório de canções. Um ponto a ser destacado é que os autores se referem aos critérios seguidos para a escolha das músicas (listadas no artigo), afirmando que esta foi baseada em indicação de alguns estudos que apontam que as adequadas para promover relaxamento são as compostas por som de baixa amplitude, de ritmo musical simples e direto e de frequência com tempo de aproximadamente 60-70

⁷ Centro de Atenção Psicossocial.

⁸ Música não gravada, mas, sim, executada ao vivo, no momento das apresentações.

batimentos, referindo-se, principalmente, a parâmetros como altura do som, ritmo e andamento.

Discussão

A música vem sendo utilizada por profissionais de enfermagem em nove campos de aplicação conforme apresentamos nos resultados deste estudo.

Em alguns estudos pode-se observar o interesse da enfermagem na utilização da música voltada para o conforto do paciente, como forma de diminuir a dor ou a ansiedade relacionada à internação hospitalar.

Alguns autores também sugerem outras formas de cuidar utilizando a música como recurso terapêutico para promover a interação enfermeiro-cliente ou da própria equipe multiprofissional. Isso se explica pela premissa de que a musicoterapia tem por definição facilitar ou promover a comunicação e o relacionamento interpessoal.

Tendo em vista, principalmente, a redução do estresse e da ansiedade, a música passou a ser utilizada em diversas situações clínicas e no controle da dor dentro de instituições hospitalares.

Logo, entendemos que a música vem sendo utilizada como recurso terapêutico pela enfermagem em duas principais áreas: na diminuição de um quadro álgico e como facilitadora na comunicação/ relação enfermeiro-cliente.

Constatamos ainda que, em quase todos os artigos, os autores declaram que a musicoterapia é uma modalidade de tratamento que tem um profissional qualificado para exercê-la, cabendo acrescentar que vários são os cursos de graduação e pós-graduação existentes no país, para qualificar esses profissionais. No entanto, mesmo que “musicoterapia” apareça raramente no título dos trabalhos aqui examinados, quando os autores se referem aos trabalhos clínicos que desenvolveram utilizam “musicoterapia” para denominá-los, certamente seguindo a Classificação das Intervenções de Enfermagem que consideramos que utiliza uma nomenclatura inadequada.

Como comentários finais cabe apontar o artigo de Fonseca et al. (2006)⁹, resultante de uma pesquisa qualitativa, que teve por objetivo o estudo da percepção dos *profissionais musicoterapeutas* sobre a credibilidade e aceitação do tratamento de musicoterapia por seus clientes. A pesquisa verificou que a maioria dos profissionais musicoterapeutas

⁹ O referido artigo é escrito por uma médica, uma enfermeira doutora, uma enfermeira mestre, dois acadêmicos do Curso de Enfermagem e uma acadêmica do Curso de Nutrição, todos da Universidade Federal de Goiás, uma das duas Universidades Federais onde existem Cursos de Bacharelado em Musicoterapia.

percebe a credibilidade de seus clientes quanto à capacidade da música em transmitir sensações agradáveis e ainda atuar de forma bastante eficaz no processo de cura de algumas enfermidades. Mas, o que aqui deve ser ressaltado é que este é o único artigo, dentre os por nós examinados, que se refere aos musicoterapeutas e seu título é *Credibilidade e efeitos da música como modalidade terapêutica em saúde*, não aparecendo a palavra musicoterapia.

Conclusão

Concordamos que a música pode e deve ser utilizada no cotidiano de cuidar da enfermagem considerando que, assim como cuidado, ela valoriza a construção de subjetividades inerentes ao afeto e à criatividade e corroboramos o pensamento de Dileo (1999) que admite que tanto a *música em medicina* como a *musicoterapia em medicina* são absolutamente importantes e necessárias para o paciente da área médica.

Entretanto, observamos que a música vem sendo utilizada como terapia pela enfermagem sem que este profissional esteja habilitado para tal. Este estudo deve soar como um alerta a todos os profissionais de saúde que se aventuram pela área da musicoterapia para que procurem se especializar evitando, assim, que a música possa se tornar um elemento iatrogênico, ao invés de um poderoso elemento terapêutico.

Os critérios de utilização da música pela enfermagem ainda constituem um desafio. Os estudos analisados demonstram que a musicoterapia necessita ser divulgada com maior eficácia, pois, apesar dos avanços na área, a musicoterapia parece ainda ser contestada por uma parcela dos profissionais de saúde que é leiga quanto às suas ações terapêuticas e cientificidade de seus métodos.

Pretendemos que o material aqui apresentado, levados em conta os limites deste trabalho, permita novos olhares para a aplicação da música pela enfermagem e por outros profissionais da área de saúde. Entendemos que o estudo sobre a utilização da música como instrumento do cuidado de enfermagem tem se tornado um desafio relevante no meio científico e, portanto, necessita de maiores estudos.

Referências

- ALVES, M. A música como prática alternativa na integração da equipe de enfermagem. *Rev Enferm Atual*, p.35-40, set/out, 2001.
- BACKES, D. et al. Música: terapia complementar no processo de humanização de uma CTI. *Rev Nursing*, v.66, n.6, p.35-42, novembro 2003.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

CAMPOS, N. de L.; KANTORSKIL, L.P. Música: abrindo novas fronteiras na prática assistencial de enfermagem em saúde mental. **Rev. Enferm. UERJ**, Rio de Janeiro, v.16, n.1, p. 88-94, jan/mar, 2008.

DILEO, Cheryl. (Org.). **Music therapy and medicine: theoretical and clinical applications**. Silver Spring: American Music Therapy Association, 1999.

DOBBRO, E.; SILVA, M. J. Música na Fibromialgia: a percepção da audição musical erudita. **Rev. Nursing.**, p.14-21, dezembro, 1999.

FONSECA K. C. et al. Credibilidade e efeitos da música como modalidade terapêutica em saúde. **Rev. Eletr. Enf.** [Internet]. 2006;8(3):398-403. Disponível em http://www.fen.ufg.br/revista/revista8_3/v8n3a10.htm. Acesso em março, 2010.

GIANNOTTI, L.; PIZZOLI, L. Musicoterapia na dor: diferenças entre os estilos jazz e new age. **Rev. Nursing.**, v.71, n.7, p.35-40, abril 2004.

LEÃO, E.; SILVA, M. Música e dor crônica musculoesquelética: o potencial evocativo de imagens mentais. **Rev. Latino-am Enferm.**, v.12, n.2, p.235-241, mar/abr, 2004.

MCCLOSKEY, J.C.; BULECHEK, G.M. (Org.) **Classificação das intervenções de enfermagem**. Trad. Regina Garcez. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

OLIVEIRA, D. et al. **Musicoterapia como modalidade terapêutica complementar no tratamento de pacientes do CAPS II no município de Barreiras**, 2009. Disponível em www.dor.org.br/8cbdor. Acesso em março, 2010.

RAVELLI, A. P. **Percepções de gestantes sobre a contribuição da música no processo de compreensão da vivência gestacional**. Porto Alegre, 2004. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Revista Brasileira de Musicoterapia. Rio de Janeiro, União Brasileira das Associações de Musicoterapia, Ano I. Número 2, 1996.

RIBEIRO, K. R. X. et. al. Musicoterapia em Pacientes Oncológicos. **57 Congresso Brasileiro de Enfermagem**. Goiânia, 2005. Disponível em <http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/57cbe/resumos/1324.htm>. Acesso em março, 2010.

SÃO MATEUS, L. A. **A música facilitando a relação enfermeiro-cliente em sofrimento psíquico**. São Paulo, 1998. 149 p. Dissertação (Mestrado) Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.

SILVA, A. A música no processo de cuidar de clientes com Síndrome Neurológica decorrente da AIDS. **Rev. Bras. Enferm.** V. 46, n.2, p. 107-116, abr/jun 1993.

SILVA, S. A. da et al. Efeito terapêutico da música em portador de insuficiência renal crônica em hemodiálise. **Rev. Enferm. UERJ**, Rio de Janeiro, 2008 jul/set; 16(3):382-7.

ZARATE, D.P.; DIAZ, T.V. Aplicaciones de la musicoterapia en la medicina. **Rev. Méd. Chile**, v.129, n.2, p.219-23, 2001.

WEBER, D. et al. A música como instrumento de recreação na Unidade Pediátrica. **Rev. Téc-Cient Enferm**, p.364-370, 2003.